

*Pandemia e imigrantes: brasileiros na Área
Metropolitana de Lisboa*

Onofrio Di Spirito
UNIVERSIDADE DE GRANADA

ABSTRACT

The study aims to analyze the impacts of the Covid-19 pandemic on the lives of Brazilian workers who immigrated to the Lisbon Metropolitan Area, in Portugal. Qualitative research methodology was used, followed by the analysis of nineteen semi-structured interviews, with theoretical support from secondary sources on the subject. The results found show that the pandemic caused practical implications on the lives of Brazilian immigrants residing in the Lisbon Metropolitan Area, notably of an emotional and financial nature.

Keywords: Brazilian immigrants. Lisbon Metropolitan Area. Pandemic. Covid-19 impacts.

O estudo analisa os impactos da pandemia de Covid-19 na vida dos trabalhadores brasileiros que migraram para a Área Metropolitana de Lisboa, em Portugal. Fez-se uso da metodologia de pesquisa qualitativa, através da realização e sucessiva análise de 19 entrevistas semiestruturadas, com o apoio teórico de fontes secundárias sobre o tema. Os resultados encontrados demonstram que a pandemia gerou efeitos práticos na vida dos imigrantes brasileiros residentes na Área Metropolitana de Lisboa, notadamente de ordem emocional e financeira.

Palavras-chave: Imigrantes brasileiros. Área Metropolitana de Lisboa. Pandemia. Impactos Covid-19.

Introdução

Em 11 de março de 2020, o diretor geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), Tedros Adhanom, classificou como pandêmica a contaminação pelo vírus *Sars-Cov-2* – novo coronavírus –, dada a sua rápida transmissão geográfica. Desde então, os dirigentes estatais e a sociedade se viram diante de uma ameaça letal invisível, que exigiu a adoção de medidas conjuntas para o seu enfrentamento.

Os reflexos globais da pandemia de Covid-19 podem ser vistos nos mais diversos campos, como a saúde, a economia e a educação. Sobre o fluxo migratório, não seria diferente. As dificuldades enfrentadas pelos cidadãos em seus locais de origem contribuíram para o deslocamento de muitos, atraindo os olhares de estudiosos sobre o tema, numa perspectiva dos impactos da pandemia do novo coronavírus sobre o movimento migratório.

De acordo com Baeninger *et al.* (2020, 216), “a pandemia, certamente, trará novos contornos para a era da migração, acentuando características que a marcaram, mas revelando também, [...] possíveis sinais de uma nova etapa da era da migração”. Diversos reflexos da pandemia sobre a migração já podem ser observados, perfazendo-se importante a sua análise.

No passado, fenômenos políticos, sociais e econômicos geraram impactos significativos nos movimentos migratórios. Com o advento da Covid-19, a história se repete, sendo possível observar transformações a níveis local e internacional. É possível antecipar que a incerteza sobre os seus impactos nos mais diversos setores da sociedade tem provocado flutuações e alterações nas migrações. Por conseguinte, a pandemia é apenas mais um dos eventos capazes de perturbar a ordem migratória (Peixoto 2020, 133).

Nesse espectro, o presente artigo científico discorre acerca dos impactos da pandemia de Covid-19, especificamente na vida dos trabalhadores brasileiros residentes na Área Metropolitana de Lisboa, cujo território constitui NUTS II e NUTS III de Portugal¹. A cada ano, cresce o número de brasileiros que optam por deixar o país e migram para Portugal em busca de oportunidades de emprego, melhores salários e qualidade de vida. No entanto, os reflexos da pandemia já podem ser sentidos pela população brasileira imigrante.

A problemática que norteou a pesquisa é: quais são os impactos da pandemia experimentados pelos brasileiros na Área Metropolitana de Lisboa?

A hipótese inicial prevista é no sentido de que a pandemia Covid-19 afetou os imigrantes brasileiros residentes na AML. As restrições sanitárias impostas pelas autoridades, como o fechamento de fronteiras e o isolamento social,

¹ NUTS é o acrônimo de “Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos”, sistema hierárquico de divisão do território em regiões. A nomenclatura subdivide-se em 3 níveis (NUTS I, NUTS II, NUTS III).

impactaram, especialmente, as áreas emocionais e financeiras dos entrevistados. Os impactos oriundos da limitação do direito de ir e vir e da perda, redução ou suspensão do contrato de trabalho sobrepôs-se ao indivíduo e atingiu o seu o núcleo familiar.

Esta pesquisa enquadra-se num projeto de tese de doutorado dentro do Programa de “Estudos Migratórios” da Universidade de Granada, e estuda e analisa as dificuldades de adaptação e integração dos trabalhadores brasileiros na AML.

A justificativa para o estudo do tema em apreço se dá em virtude do expressivo número de brasileiros que adotaram a Área Metropolitana de Lisboa como o seu novo lar. É importante compreender como esses brasileiros têm lidado com esse momento delicado que enfrenta a humanidade. Os dados e as informações obtidas servem como referência para aqueles que visam a migração para Portugal, bem como parâmetro para os estudiosos sobre o assunto.

A situação de emergência gerada pela pandemia de Covid-19 afetou, inevitavelmente, esta investigação, tornando-se oportuno e relevante investigar as consequências da pandemia do novo coronavírus na vida dos entrevistados.

Quanto à metodologia, trata-se de pesquisa qualitativa, a partir da análise de entrevistas-pilotos e observação de fontes secundárias sobre o tema eleito. Foram realizadas 19 entrevistas individuais semiestruturadas, iniciadas em novembro de 2020 e concluídas em janeiro de 2021.

Segundo Severino (2017, 108), a entrevista corresponde a uma técnica voltada para a coleta de informações sobre determinado tema, solicitando tais informações diretamente aos sujeitos da pesquisa. Dessa forma, a entrevista consiste em “uma interação entre pesquisador e pesquisado”.

Moré (2015, 128) assim explica a entrevista semiestruturada:

Entende-se a entrevista em “profundidade ou semiestruturada” quando o pesquisador, diante de uma temática norteadora, e tendo a narrativa como referência principal, realiza outras indagações, na busca da compreensão do que o participante está narrando. Ou seja, são indagações em torno de um questionamento norteador, que tem por objetivo a busca de sentido para o pesquisador em relação à pergunta e/ou ao objetivo central da investigação.

Dado o contexto das restrições sanitárias ocasionadas pela pandemia de Covid-19, tornou-se deveras difícil o encontro presencial com todos os entrevistados, o que motivou a realização das entrevistas pelo método de videochamadas, das quais foram extraídas e armazenadas apenas os áudios. Desse modo, foi possível proceder à transcrição integral do conteúdo, preservando-se a subjetividade e a riqueza dos relatos.

Alguns dos entrevistados foram contactados pessoalmente nas proximidades da “Casa do Brasil”, em Lisboa, conhecida associação de imigrantes sem fins lucrativos da região. Outros, por sua vez, foram contactados através da técnica de “bola de neve”, a partir da indicação, pelos entrevistados, de amigos e conhecidos para participação no feito.

Conforme Kozinets (2014), uma entrevista é uma troca de informações entre um entrevistador e um entrevistado, seja presencialmente ou *on-line*. Embora as diferenças possam ser sutis, a realização da entrevista *on-line* pode ter um impacto significativo na dinâmica da entrevista, uma vez que permite a coleta de informações de indivíduos em diversas localizações geográficas.

Em relação às condições éticas do estudo, foi elaborado um "Termo de Consentimento Livre e Esclarecido", o qual salvaguarda o anonimato de cada pessoa entrevistada. Todos os inquiridos receberam um pseudônimo.

Ressalta-se que o estudo não pretende ser representativo da comunidade dos trabalhadores brasileiros na Área Metropolitana de Lisboa como um todo. Tal feito não seria possível, diante do número limitado de entrevistados, insuficiente para a formação de um relatório completo e representativo, no âmbito da pesquisa em curso.

Destaca-se, ainda, que além das fontes primárias, quais sejam, as entrevistas, o estudo encontra-se fundamentado em fontes secundárias relativas ao tema, como livros, revistas, artigos científicos e similares. A pesquisa foi consolidada por relatórios e dados emitidos por entidades oficiais de Portugal, como o Instituto Nacional de Estatística, o Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social e o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.

Dividido em três partes, a primeira parte do estudo discorre sobre o fluxo migratório em tempos sensíveis, como os de enfrentamento pandêmico, bem como os fatores que levam o indivíduo a deixar o país de origem em busca de novas oportunidades em outras nações. Nesse sentido, expõe a influência das redes ou cadeias migratórias no processo de tomada de decisão pela migração. Ver-se-á que apesar da pandemia de Covid-19 ser motivo para referido fluxo recente, outros incidentes históricos, de igual natureza, contribuíram à mobilidade migratória internacional.

A segunda parte retrata o perfil e o trabalho dos imigrantes brasileiros na Área Metropolitana de Lisboa (AML), durante a pandemia de Covid-19. Os brasileiros constituem maioria na comunidade de estrangeiros em Portugal, sobretudo na AML, com preponderância do sexo feminino. Demonstrar-se-á que embora a pandemia de Covid-19 tenha impactado negativamente o mercado de trabalho em Portugal, os trabalhadores brasileiros residentes da AML, especificamente, sentiram menos os seus efeitos, visto que a região manteve a constância do seu crescimento econômico.

A terceira parte analisa os resultados das entrevistas realizadas com os imigrantes brasileiros residentes na AML. Primeiramente, expõe os perfis sociodemográfico e socioeconômico dos inquiridos. Por fim, expõe os impactos experimentados pelos entrevistados, em decorrência da pandemia de Covid-19, desde já o emocional e o financeiro. Tece diálogo entre as informações obtidas e a literatura pertinente.

Fluxo migratório em tempos sensíveis de pandemia

A pandemia de Covid-19 tem provocado diversas transformações sociais em escala global. Os movimentos migratórios não passaram imunes ao acontecimento. “A insegurança neste momento está, portanto, em todas as searas da vida humana, afetando, inclusive, os movimentos migratórios”. O sentimento de insegurança é um dos principais elementos envolvidos no processo de tomada de decisão pela migração, aliada à história e à geografia dos países de origem e destino. A situação ganha relevância diante da falta de preparo dos governantes em lidar com uma situação emergencial abrangente. A incerteza sobre a postura de combate ao vírus influenciou, diretamente, na tomada de importantes decisões individuais. Nesse aspecto, a tomada de decisão por parte de um migrante em potencial depende, em grande medida, do *status* e do engajamento da liderança política de determinada região, durante o período da pandemia. A insegurança dos migrantes é intensificada a partir das decisões tomadas pelas lideranças políticas da região de origem do migrante e daquela para a qual planeja se deslocar. A forma como as lideranças decidem determina, pelo menos em parte, o fluxo migratório (Castro & Ribeiro 2020, 121).

Outrossim, a decisão pela migração também é influenciada pelas redes sociais ou “redes migratórias”. São decisões individuais pela migração após conhecimento prévio sobre as oportunidades de trabalho, acomodação, recursos, meios de financiamento da viagem, dentre outros, obtido por intermédio de relatos de pessoas conhecidas que passaram pelo mesmo processo (Truzzi 2008).

Pelas redes sociais ou migratórias, o indivíduo vislumbra, através de informações e experiências reveladas por pessoas próximas (familiares, amigos etc.), que vivenciaram este movimento, as condições e os recursos necessários para a residência em local diferente do de origem. O pretense migrante é conduzido a decidir entre a vida e o trabalho, dilema que afeta, especialmente, aqueles que vivem em contextos socioeconômicos desfavoráveis. No entanto, nem sempre a decisão pode ser tomada, tendo em vista que, com o advento da pandemia, muitas fronteiras foram fechadas. Mesmo dentro de uma mesma região, existiram restrições à locomoção das pessoas (Castro & Ribeiro 2020, 121).

O fechamento das fronteiras foi realizado, em um primeiro momento, como medida voltada para a redução do número de infectados pelo coronavírus. Entretanto, referido fechamento já era realidade para muitas pessoas. A título de exemplo, citam-se os que deixaram seus países, em virtude de guerras, em busca de uma nova oportunidade de subsistência em outros territórios e depararam-se, logo na chegada, com as fronteiras fechadas. O novo cenário pandêmico mundial, tão somente, intensificou o feito. Conforme Sperandio *et al.* (2020, 198), “na pandemia de Covid-19 foram evidenciadas questões xenofóbicas e casos de violência contra migrantes, nos quais pessoas foram culpabilizadas pela contaminação e infecção pelo vírus”.

O impacto da pandemia na mobilidade das pessoas, a nível internacional, é notável. Porém, os efeitos são diferentes, a depender do grupo observado. Aqueles que podem pagar viagens seguras e confortáveis optam por adiar sua viagem ou usar meios de transporte individuais, enquanto os indivíduos que, por impossibilidade de escolha, fazem travessias perigosas encontram-se expostos a riscos muito elevados, como a possibilidade de exposição a contágios nos campos de refugiados, centros de retenção e acampamentos improvisados (Ruseishvili 2020, 164).

Interessante notar o esforço manifestado por alguns Estados para repatriar os seus cidadãos nos meses iniciais da pandemia. Com o bloqueio de aeroportos e de outras vias de transportes, muitos turistas ficaram ilhados fora de seus países de origem. Além dos turistas, o fluxo de migração envolveu, também, desempregados e estudantes de intercâmbio, tendo em vista que, com a pandemia, as aulas passaram a ser na modalidade *on-line* (Baeninger *et al.* 2020, 215).

Ressalta-se, ainda, a relação entre os fenômenos pandêmicos e a migração, manifestada na forma de um estereótipo. Além das fronteiras físicas enfrentadas pelos migrantes, existe, igualmente, uma fronteira de identidade bastante forte. Desde a Idade Média, “quando se buscavam apontar culpados pela epidemia da peste bubônica: o fato de que os estrangeiros vêm de outro lugar já os tornavam suspeitos” (Chiaretti *et al.* 2020, 65).

Sobre o citado estereótipo, ao interpretar Greenaway e Gushulak, Teles (2020, 8) ressalta que, embora as viagens e migrações constituem elementos de infecções pandêmicas, o risco elevado da propagação mundial do vírus não deve ser associado ao fluxo migratório, posto que os migrantes constituem pequena parcela que adentram aos países, se comparados ao volume de todo o tráfego de passageiros em viagens internacionais.

A relação equivocada entre a disseminação de pandemias e a migração é um dos fundamentos implícitos para o fechamento das fronteiras, tão logo uma crise sanitária se instaura. Os países com grande fluxo de viajantes simplesmente

impedem a entrada, e até mesmo a saída, de pessoas, com vista a garantia da saúde dos seus habitantes (Chiaretti *et al.* 2020, 65).

Para Figueira e Figueiredo (2020, 381), existe um hiato entre o tratamento dispensado a nacionais e o dispensado a estrangeiros, especialmente os migrantes. Trata-se de “uma dualidade que marca as relações que se estabelecem entre o nacional e o estrangeiro, entre o ‘eu’ e o ‘outro’, representada na modulação pelo Estado moderno, por meio da política e do direito”, entre a coerção e as ações de caridade.

Apesar do contexto atual, a pandemia de Covid-19 foi, apenas, a mais nova experimentada pela humanidade, não sendo a única. Assim como os processos migratórios, o fenômeno pandêmico é bastante antigo. Na lição de Teles (2020, 7), “os registros pandêmicos remontam desde a Grécia e são verificados em escritos religiosos antigos”. Desde aquela época, existia vinculação entre as pandemias e a mobilidade da população, em razão das viagens realizadas, da comercialização de produtos entre povos e do deslocamento militar.

Quando do início da Peste Negra, no século XIV, as migrações não foram imediatamente consideradas a causa da pandemia ou sua disseminação. A responsabilidade, inicialmente, foi atribuída às viagens e ao comércio. Com o decurso do tempo, tanto as viagens, quanto o comércio e as migrações, foram considerados movimentos disseminadores da doença. A comunidade judia, por exemplo, foi bastante afetada, sofrendo com a morte, a deportação e o banimento. Nesse sentido, medidas foram pensadas para contornar as limitações de mobilidade impostas pela pandemia, especialmente no que se refere ao fechamento de fronteiras. Uma dessas medidas, indicadas pela Organização Internacional para as Migrações (OIM), consiste na “criação de corredores de mobilidade”, como a “zona de viagem segura”, criada entre a Austrália e a Nova Zelândia (Chiaretti *et al.*, *ibidem*).

Sobre as consequências da atual pandemia na migração, propriamente, Beltramelli Neto e Menacho (2020, 54-55) apontam para o acesso limitado ao asilo. Quando da análise dos autores, 99 países não apresentavam exceções para a concessão de asilo, durante o fechamento das fronteiras. Outras consequências foram o “aumento das detenções, retornos forçados e deportações”, sendo essas últimas realizadas em condições degradantes para os migrantes. Os números, no que se refere ao fluxo migratório, já se mostravam negativos, mesmo antes da instauração da pandemia. No final do ano de 2019, dados apontavam para a existência de 50.8 milhões de migrantes. Desse total, mais de 45 milhões tinham como fundamento para a migração o conflito ou a violência. Relevante, também, o número de migrantes em razão de desastres, mais de 5 milhões. O cenário anterior à Covid-19 contribuiu para o agravamento da crise migratória.

Menciona-se, por fim, que, apesar de o processo migratório não ser a causa das pandemias, essas influenciam diretamente no fluxo migratório, uma vez que os imigrantes são, essencialmente, “mais vulneráveis que as populações locais, por não terem em muitos casos redes de apoio familiar, nem acesso a serviços públicos e pela própria condição laboral em que a maioria se encontra” (Teles 2020, 9).

Pelo exposto, evidencia-se que além de a pandemia afetar no deslocamento dos migrantes, os riscos da doença para esse grupo populacional tendem a ser maiores.

Perfil e trabalho dos imigrantes brasileiros na Área Metropolitana de Lisboa durante a pandemia de Covid-19

De acordo com os dados disponibilizados pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF 2021), até 31 de dezembro de 2020, foram computados 662.095 estrangeiros residentes em Portugal. A população estrangeira no país teve um aumento significativo entre 2019 e 2020. Houve um salto de 590.348 para 662.095 estrangeiros residentes, saldo de 71.747 novas entradas no país. É possível atribuir como fator para o crescimento em 12% no número de imigrantes em Portugal, no período supra, à pandemia de Covid-19, que refletiu sobre o movimento migratório em diversas nacionalidades, mesmo com as restrições impostas, como o fechamento de fronteiras.

Os brasileiros são maioria na comunidade estrangeira em Portugal. Em 2020, dos 662.995 estrangeiros no país, 183.993 eram brasileiros. Do montante, 102.673 (56%) mulheres e 81.320 (44%) homens escolheram Portugal como novo país de residência.

Apesar do fluxo migratório brasileiro crescente para Portugal durante a pandemia de Covid-19, os efeitos negativos da mesma já podem ser sentidos pelos brasileiros residentes no país, no tocante ao desemprego. Em uma análise comparativa entre os anos 2019 e 2020, o Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), ao apresentar o *ranking* das dez nacionalidades com maior número de estrangeiros desempregados em Portugal, apontou que o Brasil figura na primeira posição. Em 2019, mais de 19 mil estrangeiros encontravam-se desempregados no país, sendo 6.209 (32,5%) brasileiros. Em 2020, este número mais que dobrou: dos 39.292 estrangeiros desempregados, 15.430 (39,3%) eram brasileiros. Veja-se que, entre 2019 e 2020, o número de brasileiros desempregados no país cresceu 148,5% (Oliveira 2021, 188).

No que se refere à AML, propriamente, a região portuguesa se torna atrativa para os brasileiros por diversos fatores, dentre os quais a economia em ascensão e o baixo índice de desemprego. Com uma população de 2.869.033 habitantes em 2020, 58 vilas e 118 freguesias, distribuídas em 18 concelhos, a AML

possui população ativa para o trabalho de 1.399.900. Desse montante, 1.292.500 encontram-se empregados e cerca de 107 mil desempregados. A taxa de atividade de pessoas com idade entre 15 e 64 anos é de 70%. O Produto Interno Bruto (PIB) da região, em 2020, foi de 71.432 milhões de euros, 36% do PIB nacional. Em 2020, foi responsável por 30% das exportações e 49% das importações realizadas por Portugal (INE 2022).

Dados oficiais disponibilizados pelo SEFSTAT (2020), portal de estatística do SEF, informaram a presença de 87.112 brasileiros residentes na AML², em 2020, cujo maior componente foi do sexo feminino (56%) (Tabela 1).

| BRASILEIROS NA AML | TOTAL | TRS | VLDS | HOMENS | MULHERES |
|--------------------|-------|-------|------|--------|----------|
| ALCOCHETE | 305 | 305 | 0 | 127 | 178 |
| ALMADA | 5790 | 5790 | 0 | 2595 | 3195 |
| AMADORA | 5373 | 5373 | 0 | 2410 | 2963 |
| BARREIRO | 1761 | 1761 | 0 | 780 | 981 |
| CASCAIS | 10511 | 10511 | 0 | 4459 | 6052 |
| LISBOA | 18845 | 18825 | 20 | 8392 | 10453 |
| LOURES | 4483 | 4483 | 0 | 1937 | 2546 |
| MAFRA | 2459 | 2459 | 0 | 1146 | 1313 |
| MOITA | 928 | 928 | 0 | 398 | 530 |
| MONTIJO | 1851 | 1851 | 0 | 876 | 975 |
| ODIVELAS | 5176 | 5176 | 0 | 2295 | 2881 |
| OEIRAS | 5285 | 5285 | 0 | 2308 | 2977 |
| PALMELA | 972 | 972 | 0 | 407 | 565 |
| SEIXAL | 4025 | 4025 | 0 | 1846 | 2179 |
| SESIMBRA | 1112 | 1112 | 0 | 477 | 635 |
| SETÚBAL | 3822 | 3819 | 3 | 1783 | 2039 |
| SINTRA | 11001 | 11001 | 0 | 4861 | 6140 |
| VILA FRANCA | 3413 | 3413 | 0 | 1534 | 1879 |
| DE XIRA | 87112 | 87089 | 23 | 38631 | 48481 |
| TOTAL | | | | | |

Tabela 1 – População brasileira na AML (2020)

Fonte: SEFSTAT 2020, adaptado pelo autor.

Dos 18 concelhos que compõem a AML, Lisboa, Sintra, Cascais, Almada e Amadora, concomitantemente, concentram a maior parte dos brasileiros na área. Alcochete é o que possui a menor incidência de brasileiros residentes. Em todos os concelhos, vê-se a preponderância do número de imigrantes brasileiras, saldo de 9.850. Logo, dos 183.993 brasileiros em Portugal, em 2020, 47% residiam na AML,

² Valor obtido pela soma do número de brasileiros residentes em cada um dos concelhos que constituem a AML.

sendo 21% homens e 26% mulheres. Em 2020, foram concedidos 87.089 Títulos de Residências (TRs) para brasileiros e 23 Vistos de Longa Duração (VLDs), tendo esses últimos sidos emitidos em Lisboa e Setúbal. Portanto, da população estrangeira residente na AML, 99,97% possuem TRs e somente 0,03% estão na área com VLDs (Gráfico 1).

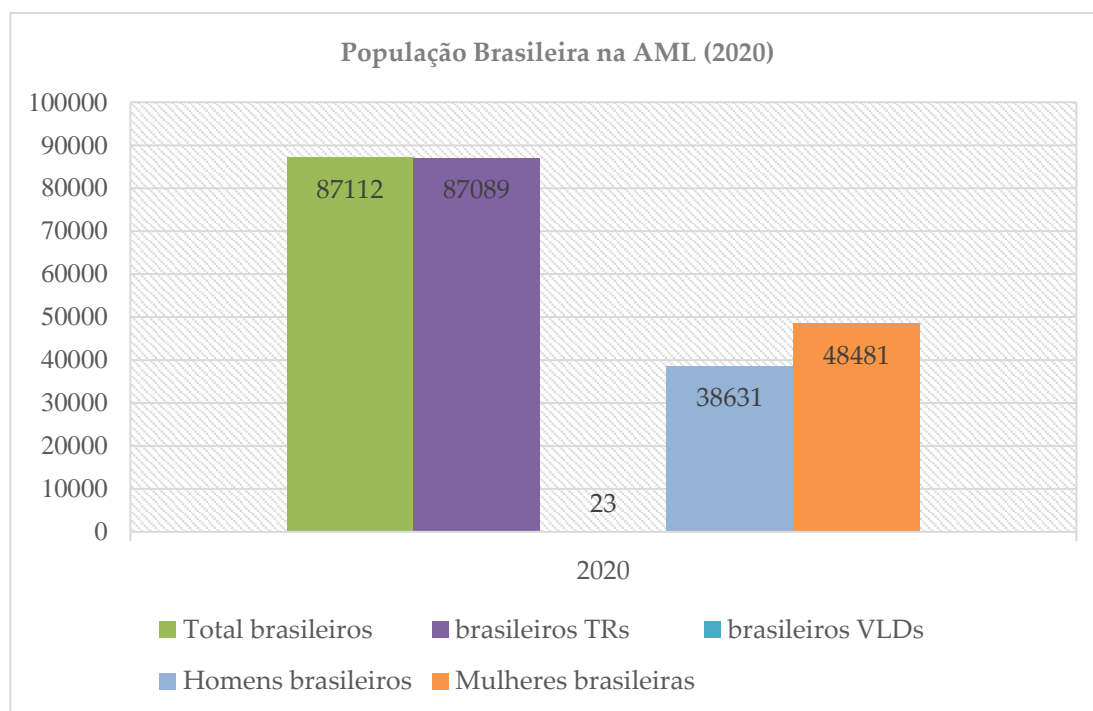


Gráfico 1 - População brasileira na AML (2020)

Fonte: SEFSTAT 2020, adaptado pelo autor.

A análise dos dados disponibilizados pelo Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social (MTSSS 2020) para esta pesquisa constatou que a AML possuía, em 2020, 35.655 brasileiros a serviço em estabelecimentos³ da citada área portuguesa, 2.356 (6%) a mais, em comparação com 2019 (33.529). Contudo, o crescimento da população brasileira na AML foi de 20% no mesmo período, saindo de 72.375 brasileiros, em 2019, para 87.112, em 2020. Ao tecer um comparativo entre o crescimento da ocupação de brasileiros em 6% no setor de serviços em estabelecimentos (2019-2020) e o registro de 14.737 novas entradas de imigrantes brasileiros na AML, verifica-se que a proporção de novos brasileiros na região no período supra superou em mais de três vezes o aumento da ocupação do mesmo grupo no setor de serviços em estabelecimentos.

O concelho de Lisboa, por ter a população mais densa em números totais e de imigrantes brasileiros, figurou em primeiro lugar com 13.649 trabalhadores, seguido de Oeiras (2.907), Sintra (2.755), Cascais (2.533) e Vila Franca de Xira

³ Único setor de trabalho para o qual foram fornecidos dados pelo MTSSS.

(2.063). Dos 18 concelhos, apenas três apresentaram ligeiro declínio, numa relação entre os anos 2019 e 2020. Sintra, embora seja um dos locais de preferência dos imigrantes brasileiros para residência e trabalho, computou 2.768, em 2019, e 2.755, em 2020. Mafra teve redução de 1.478 para 1.467 trabalhadores brasileiros e Montijo de 648 para 640. Por outro lado, Vila Franca de Xira e Oeiras foram os concelhos que apresentaram aumentos significativos, em relação aos demais: +58% e +18%, respectivamente (Gráfico 2).

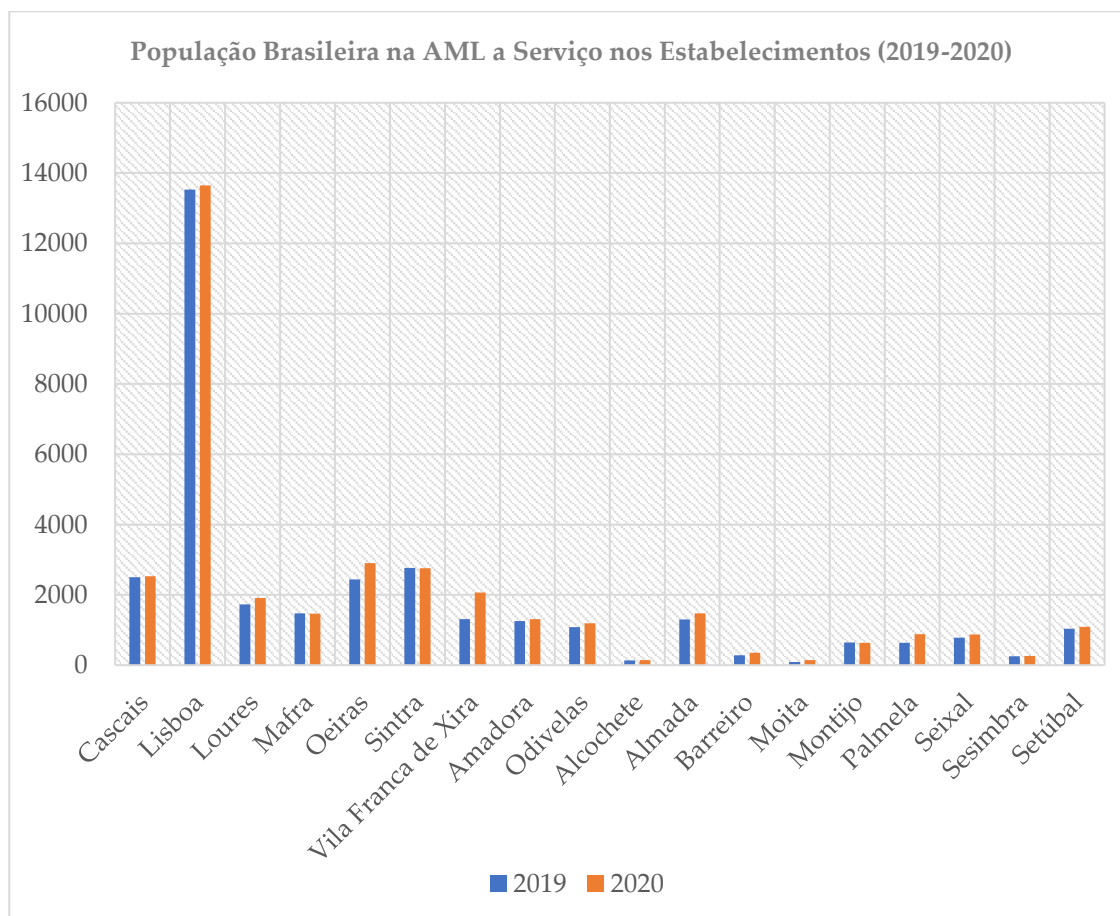


Gráfico 2 - População brasileira na AML a serviço nos estabelecimentos (2019-2020)

Fonte: Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social 2022, adaptado pelo autor.

Sobre o gênero dos trabalhadores brasileiros imigrantes na AML, ressalta-se que a população foi, em sua maioria, constituída por homens, nos anos de 2019 e 2020. Em 2019, 17.268 homens trabalhavam na região. Em 2020, este número subiu para 19.034 (+10%). A AML registrou, em 2019, 15.991 trabalhadoras brasileiras; em 2020, 16.661 (+4%) (Gráfico 3).

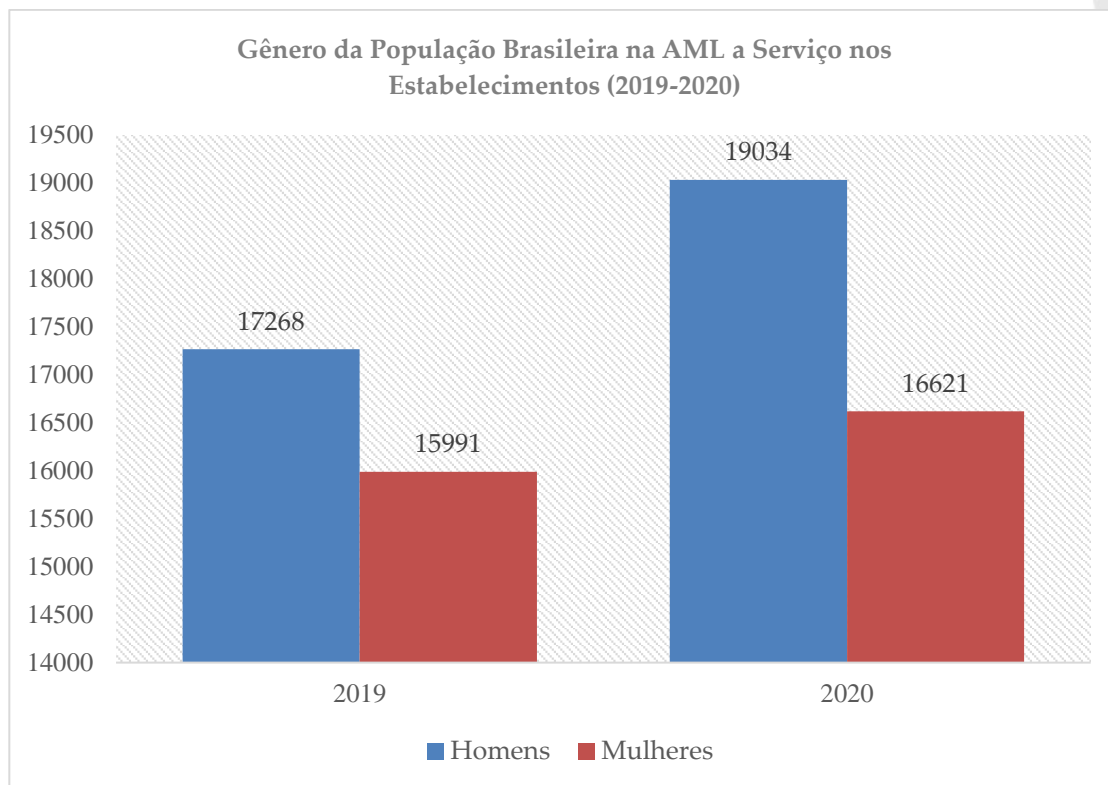


Gráfico 3 - Gênero da população brasileira na AML a serviço nos estabelecimentos (2019-2020)

Fonte: Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social 2022, adaptado pelo autor.

Quanto à idade da população brasileira a serviço nos estabelecimentos na AML em 2019 e 2020, este último ano marcado pela pandemia do novo coronavírus, tem-se que a maioria foi formada por trabalhadores de 25 a 44 anos. Somente em 2020, este grupo correspondeu a 69% do total de trabalhadores brasileiros na região. Verifica-se, também, que a menor incidência foi o grupo de maiores de 65 anos. Em 2020, particularmente, os trabalhadores com idade inferior a 25 anos foram em quantidade menor que o ano anterior. Nota-se, ainda, que o saldo das ocupações dos brasileiros com idade entre 25 e 34 anos, em 2020, foi positivo em 1.032, um aumento de 8%, em comparação com o ano anterior, dados que colocam esse grupo na primeira posição dos imigrantes brasileiros ativos nos estabelecimentos da AML (Gráfico 4).

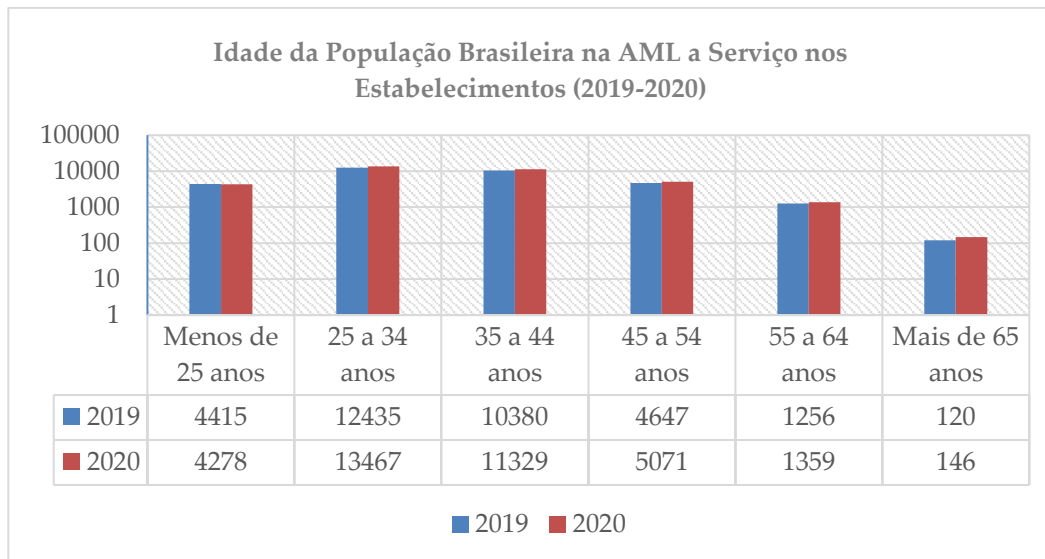


Gráfico 4 - Idade da população brasileira na AML a serviço nos estabelecimentos

Fonte: Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social 2022, adaptado pelo autor.

Os dados revelam que a pandemia de Covid-19 impactou negativamente as economias mundiais, com reflexo no aumento da taxa de desemprego da população brasileira residente em Portugal. No entanto, no que diz respeito à AML, o número de brasileiros a serviço em estabelecimentos foi maior em 2020, durante a pandemia, comparado ao ano anterior, com exceção para o grupo de pessoas com menos de 25 anos.

No Brasil, os principais setores da economia foram prejudicados com as medidas sanitárias impostas, a partir de 2020, como o de prestação de serviços. A situação tornou-se deveras delicada, tendo em vista que o país já enfrentava um período de recessão econômica anterior à pandemia. Houve uma queda na renda dos brasileiros no patamar de 4,9%, em relação ao ano anterior. A desvalorização da moeda nacional, em relação às estrangeiras, contribuiu ao aumento dos custos da produção industrial em 67%, cujo reflexo se viu no aumento da inflação. O Índice Geral de Preços - Mercado (IGP-M) fechou o ano com aumento superior a 20%. O desemprego afetou 14,1 milhões de brasileiros, com o fechamento de 11,3 milhões de postos de trabalho. Muitos daqueles que se mantiveram empregados tiveram redução salarial ou o contrato de trabalho suspenso no período. A dívida pública saltou de 75,8% para 90% do PIB, com projeção para 100%, evidenciando um choque fiscal de proporções nunca dantes vistas e contribuindo ao descrédito de investidores estrangeiros no país (Alvarenga *et al.* 2020).

Com a pandemia de Covid-19, o sistema de saúde brasileiro colapsou e o direito humano à alimentação adequada foi violado. A alta da inflação e a ausência de medidas adequadas de enfrentamento da pandemia pelas autoridades públicas levaram milhões de cidadãos a ficarem sem recursos para aquisição de alimentos

básicos, produtos de higiene etc. Estudos apontam que, no último trimestre de 2020, 19,1 milhões de brasileiros passavam fome (Freitas *et al.* 2021).

Observa-se o sensível quadro econômico enfrentado pelos brasileiros durante a pandemia, situação que agrava a percepção de insegurança do indivíduo, em relação à realidade vigente, e o leva a buscar mecanismos para solucionar o problema, sendo a migração uma delas.

Sassen (2015, 173) entende que economias em retração resultam em expansão das expulsões sociais. Este conceito pode ser adotado para explicar a decisão de brasileiros em deixar a realidade extrema vivenciada durante a pandemia do coronavírus no país de origem e buscar locais prósperos, como a AML, a fim de obterem melhores condições de vida:

O momento da expulsão é o momento de uma condição familiar que se torna extrema. Você não é simplesmente pobre, você está com fome, perdeu sua casa, vive em barraco. Ou com a terra e com a água: não são simplesmente degradadas, terras ou águas insalubres. São mortas, acabadas. Nós tendemos a parar no extremo. Não entrar nele. O extremo é muito, muito feio e não temos conceitos para capturá-lo.

Nesse viés, mesmo com o fechamento das fronteiras e medidas sanitárias adotadas pelos países, o fluxo migratório de brasileiros para Portugal, especialmente para a AML, deve continuar, notadamente se o Brasil não apresentar uma mudança em sua estrutura socioeconômica (Di Spirito 2021).

Os impactos da presença de imigrantes brasileiros na AML não se manifestam apenas na economia e em questões laborais. Existem, também, influências na própria estética da cidade. É o que indica Silva (2019, 94-95), segundo o qual a assiduidade da população de origem brasileira, ao longo dos últimos anos, na AML, até “contribuiu para dar uma nova configuração à paisagem urbana da cidade”, tendo em consideração o fato de que:

a diversidade da presença de sujeitos oriundos do Brasil pode ser observada em setores distintos do mercado de trabalho, em estratos sociais diferenciados e em agrupamentos de brasileiros, seguindo critérios variados (LGBT, evangélicos, estudantes), indicando uma importância, profundidade e complexidade desse fluxo populacional.

Percebe-se que o perfil dos imigrantes brasileiros na AML é bastante amplo. Além do expressivo número de imigrantes, é igualmente grande o leque de motivos que levaram ao movimento migratório, como situação laboral e condições de vida. De qualquer modo, notável o impacto da imigração brasileira para

Portugal, especialmente à AML, que concentra o maior volume de migrantes do país.

Impactos da pandemia de Covid-19 na vida dos imigrantes brasileiros na Área Metropolitana de Lisboa: análise dos resultados

Perfil sociodemográfico dos entrevistados

Para esta pesquisa, foram entrevistados 19 trabalhadores brasileiros residentes na Área Metropolitana de Lisboa, em Portugal. Com relação ao critério utilizado para a escolha dos entrevistados, buscou-se manter o equilíbrio de gênero, a fim de também poder analisar algumas respostas em função desta variável.

Para traçar o perfil sociodemográfico dos inquiridos, foram delineadas perguntas como nome do entrevistado, idade, sexo, estado civil, ano da emigração para Portugal e concelho de residência na AML. A sistematização das informações encontra-se apresentadas no quadro abaixo:

| Nome | Idade | Sexo | Estado Civil | Nacionalidade | Emigração para Portugal | Concelho de Residência |
|----------|-------|-----------|--------------|-----------------------|-------------------------|------------------------|
| Sandra | 30 | Feminino | Casada | Brasileira | 2012 | Loures |
| Monica | 40 | Feminino | Casada | Brasileira | 2019 | Palmela |
| Sara | 36 | Feminino | Solteira | Brasileira/Italiana | 2018 | Lisboa |
| João | 33 | Masculino | Casado | Brasileiro | 2018 | Sesimbra |
| Mara | 38 | Feminino | Casada | Brasileira/Italiana | 2016 | Lisboa |
| Cristian | 29 | Masculino | Casado | Brasileiro | 2019 | Odivelas |
| Emanuela | 28 | Feminino | Casada | Brasileira | 2019 | Setúbal |
| Silvia | 26 | Feminino | Casada | Brasileira | 2018 | Sintra |
| Jonathas | 40 | Masculino | Casado | Brasileiro | 2019 | Lisboa |
| Luciano | 21 | Masculino | Casado | Brasileiro | 2020 | Oeiras |
| Marcus | 33 | Masculino | Casado | Brasileira/Portuguesa | 2019 | Lisboa |
| Ana | 39 | Feminino | Solteira | Brasileira | 2017 | Lisboa |
| Samira | 45 | Feminino | Casada | Brasileira/Portuguesa | 2011 | Seixal |
| Angelo | 29 | Masculino | Solteiro | Brasileira/Portuguesa | 2011 | Lisboa |
| Mario | 24 | Masculino | Solteiro | Brasileira/Italiana | 2020 | Lisboa |
| Pedro | 32 | Masculino | Divorciado | Brasileiro | 2019 | Oeiras |
| Samantha | 36 | Feminino | Casada | Brasileira | 2018 | Montijo |
| Ieda | 50 | Feminino | Casada | Brasileira/Portuguesa | 2011 | Lisboa |
| Lucia | 38 | Feminino | Casada | Brasileira/Italiana | 2017 | Lisboa |

Quadro 1 – Perfil sociodemográfico dos entrevistados

Fonte: O autor 2022.

Dos entrevistados, 11 são mulheres e oito homens, sendo que oito possuem uma segunda nacionalidade, tendo quatro deles citado a nacionalidade adicional portuguesa e o outros quatro a italiana.

Como se viu, o movimento migratório de mulheres brasileiras para Portugal, nos últimos anos, é crescente e supera o de homens. Em 2019, a Organização das Nações Unidas computou a proporção de 47,9% de migrações femininas em todo o mundo, dos 272 milhões de homens e mulheres que deixaram seu país de origem para outras nações. Elas representam 51,4% dos imigrantes em países europeus. A feminização das migrações está atrelada à busca por melhores condições de vida para si e seus familiares, através da inserção laboral nos países de acolhimento. Nesses países, elas desempenham atividades, majoritariamente, destinadas às mulheres e muitas vezes precarizadas, como os cuidados da casa e dos filhos dos patrões, serviços de enfermagem, cuidados de idosos, serviços de estética e, também, no mercado do sexo. Assim, mesmo que possuam maior escolaridade e qualificação profissional adquiridas em seu país de origem, as mulheres, ainda hoje, estão fadadas a postos de trabalhos segmentados por gênero nos países acolhedores (Tonhati & Macêdo 2021, Assis 2007, Assis & Siqueira 2021).

Padilla (In Malheiros 2007) pontua que a feminização cada vez maior do fluxo migratório de brasileiras para o país se dá se pelo empoderamento feminino. A mulher passou a ter voz ativa nas tomadas de decisões que conduzem o seu futuro e o de seus familiares. Se casadas, a decisão por migrar sozinha é conjunta. Se solteiras, separadas ou divorciadas, a decisão é unilateral, todavia apoiada em um projeto familiar onde, ao serem inseridas no mercado de trabalho português, auxiliam financeiramente os parentes que ficaram no Brasil. Assim, a experiência migratória tem assumido um caráter emancipador para elas.

Contudo, as imigrantes brasileiras em Portugal, muitas vezes, enfrentam um árduo processo de discriminação, pela racialização e sexualização de sua origem, o que as coloca em uma posição subalterna na sociedade de acolhimento. Ao serem questionados se já haviam experimentado algum episódio de discriminação em razão de serem brasileiros, 14 entrevistados responderam que “sim”, sendo 9 mulheres, das 11 que participaram do estudo.

Sandra, 30 anos, relatou ser discriminada pela fala: “preconceito a gente sente sempre. Há sempre uma boca, uma fala, muitas vezes pelo nosso sotaque”. Mônica, 40 anos, foi discriminada pela forma de conduzir o carro e a filha ouviu da professora na escola que a política pública brasileira era ruim. Sara encontrou dificuldades para alugar um apartamento, tendo lhe sido sugerido buscar alternativas mais baratas, mesmo tendo recursos para pagar pelo imóvel que desejava. Samantha enfrentou preconceito semelhante, no ato de locar um apartamento. Ana, 39 anos, disse ter sofrido “preconceito por ser brasileira e

mulher”. Ieda revelou que sempre existem comentários negativos por ser brasileira: “uma vez num jantar um português comentou que os brasileiros estavam invadindo Portugal. E que as brasileiras que vinham ou eram prostitutas ou dentistas”. Lucia, 38 anos, mencionou o machismo na sociedade portuguesa contra as brasileiras:

Quando mudei para o prédio que moro, teve morador que veio me dizer que era um prédio de família. As mulheres principalmente. Teve mulher me perguntando se eu vi para cá procurar marido. Ou então, perguntavam se eu sou casada. Quando fui tirar um documento no SEF, a atendente fez questão de dizer que estavam vindo muitos brasileiros para cá e que não são bem-vindos. O machismo aqui é muito grande.

A racialização é um processo que envolve a identificação de um grupo étnico-racial como diferente ou distinto de uma população determinada por meio de marcadores culturais ou físicos. Esta racialização possui raízes coloniais e afeta as oportunidades e a posição social das mulheres imigrantes. As brasileiras, em particular, por vezes são percebidas como mestiças e exóticas, independentemente de sua autoidentificação étnico-racial. Isso pode levar a estereótipos, incluindo a ideia de que as mulheres brasileiras são sexualmente disponíveis. Apesar de todo o estigma voltado à mulher brasileira, elas têm encontrado maneiras de resistir à discriminação. No setor de estética e beleza, por exemplo, elas têm construído um nicho étnico de mercado de trabalho que transforma as marcas do preconceito, por meio de um processo de ressignificação dos atributos da brasilidade, valorizando as noções de beleza, cuidado e sensualidade (Padilla In Malheiros 2007, Padilla 2008, Assis 2011, Assis & Siqueira 2021).

Grande parte dos entrevistados, precisamente 15, encontra-se na faixa etária de 25 a 44 anos; o mais novo tinha 21 anos e o mais velho 50, quando inquiridos. Do total, seis indicaram solteiro como estado civil, 12 como casados e um divorciado.

Apesar de estarem distribuídos por diferentes concelhos de residência, nove entrevistados indicaram Lisboa como resposta. Dois residiam em Oeiras. Loures, Montijo, Odivelas, Palmela, Seixal, Sesimbra, Setúbal e Sintra tiveram um entrevistado residente em cada concelho. Quando inquiridos sobre residirem na AML desde a chegada no país, 16 responderam que imigraram diretamente para a região e nela permaneceram; dois moraram em outras regiões de Portugal e depois fixaram residência na AML.

Perfil socioeconômico dos entrevistados

O perfil socioeconômico dos entrevistados foi delineado a partir de perguntas como nível educacional concluído no Brasil, atual profissão exercida na AML, situação de trabalho na AML e renda média mensal, em euros:

| Nome | Nível Educacional Concluído no Brasil | Atual Profissão Exercida na AML | Situação de Trabalho na AML | Renda Média Mensal (Euros) |
|----------|---------------------------------------|---|---|----------------------------|
| Sandra | Ensino Médio | Auxiliar de produção | Contrato por tempo determinado | 850 |
| Monica | Mestrado/Doutorado | Advogada | Recibo verde | 750 |
| Sara | Pós-graduação/MBA | Servidora pública | Contrato por tempo indeterminado | 5000 |
| João | Ensino Médio | Mágico | Recibo verde | 1500 |
| Mara | Pós-graduação/MBA | Wedding Planner. | Recibo verde | 300 |
| Cristian | Pós-graduação/MBA | Trader financeiro | Autônomo | 4000 |
| Emanuela | Ensino Superior | Gestora comercial na área da telecomunicação | Recibo verde | 1000 |
| Silvia | Pós-graduação/MBA | Psicóloga | N/A | 1300 |
| Jonathas | Ensino Superior | Analista funcional e desenvolvimento de software. | Contrato por tempo indeterminado | 1600 |
| Luciano | Ensino Médio | Vendedor Freelancer | Não possui contrato de trabalho. | 450 |
| Marcus | Pós-graduação/MBA | Analista de performance de investimentos | Contrato por tempo indeterminado | 1500 |
| Ana | Mestrado/Doutorado | Dentista | Recibo verde | 4000 |
| Samira | Ensino Superior | Empregada de mesa/garçomete | Contrato por tempo indeterminado | 850 |
| Angelo | Mestrado/Doutorado | Pianista e professor de música | Contrato de trabalho a tempo indeterminado. | 2000 |
| Mario | Pós-graduação/MBA | Motorista de aplicativo | Prestador de Serviços / recibo verde | 1250 |
| Pedro | Ensino Superior | Auxiliar de mecânica e pintura | Contrato por tempo indeterminado | 700 |
| Samantha | Ensino Médio | Ajudante de cozinha | Contrato por tempo indeterminado | 900 |
| Ieda | Pós-graduação/MBA | Dentista | Empresário | 7000 |
| Lucia | Mestrado/Doutorado | Professora de teatro e analista de conteúdo na internet | Contrato por tempo determinado e recibo verde | 1000 |

Quadro 2 – Perfil socioeconômico dos entrevistados

Fonte: O autor 2022.

Quando indagados sobre o nível de escolaridade concluído no Brasil, um entrevistado relatou possuir título acadêmico de Mestrado ou Doutorado, oito

detinham Especialização ou MBA, cinco tinham diploma de nível superior e três responderam nível médio. O resultado denota que, no universo dos entrevistados, a maior representatividade é de imigrantes brasileiros com alto nível de escolaridade.

Sobre as profissões exercidas pelos brasileiros no país de origem, as respostas foram variadas, dentre as quais, citam-se: dentista, mágico, servidor público, advogado, piloto de avião, bancário, motorista de aplicativo e pianista. Apenas um dos entrevistados mencionou estar desempregado, quando decidiu pela emigração. Na AML, com exceção de um entrevistado que não respondeu sobre a profissão exercida à época da entrevista, os demais responderam exercerem alguma atividade profissional.

Acerca dos contratos de trabalhos, dois entrevistados trabalhavam sob o regime de contrato por tempo determinado; oito eram contratados por tempo indeterminado; cinco laboravam com “recibo verde”⁴.

No que diz respeito ao motivo da saída do país de origem, os entrevistados citaram fatores preponderantes que contribuíram à imigração para a AML, dentre eles segurança, estudo, trabalho, casamento e aumento da qualidade de vida. Sara, 36 anos, solteira, imigrante proveniente de Brasília/DF desde 2018, residente na AML em Lisboa, respondeu: “Imigrei para melhorar minha carreira e pelo excelente salário que recebo por estar no exterior. Eu também queria mudar minha rotina”.

Samantha, 36 anos, casada, imigrante brasileira proveniente de Contagem/MG desde 2018, residente na AML em Montijo, citou os motivos qualidade de vida e segurança:

Imigrei em busca de uma melhor qualidade de vida. Eu não precisava trabalhar, mas no Brasil há problemas de segurança; minha família e eu fomos assaltados muitas vezes e a gente tinha muito medo. Também fizemos essa escolha para garantir uma boa educação para nossos filhos.

Ao chegarem em Portugal, dentre as dificuldades encontradas pelos imigrantes brasileiros entrevistados referentes à integração à sociedade portuguesa, foram relatadas razões como adaptação ao clima, saudade da família, diferenças culturais etc. Durante a pandemia de Covid-19, a demora para encontro de trabalho também foi citada.

⁴ Trabalhadores independentes/prestadores de serviços, equivalentes a um microempreendedor individual no Brasil, legalmente aptos a emitirem notas fiscais pelos serviços e atividades desempenhadas.

Marcus, 33 anos, casado, imigrante brasileiro proveniente de São Paulo/SP desde 2019, residente na AML em Lisboa, mencionou a pandemia de Covid-19 e questões burocráticas como óbices à sua integração social:

Trabalho, por conta da pandemia, levou mais tempo do que eu esperava. E outra coisa que senti falta é porque ainda nem consegui me integrar, de fato, na cultura portuguesa. A burocracia também é mais complicada do que eu imaginava.

Quando foi entrevistado, Marcus estava há dez dias empregado com contrato a tempo indeterminado como analista de performance de investimento.

As redes sociais foram fundamentais no processo de adaptação dos brasileiros em Portugal, assim que chegaram ao país. Dos 19 imigrantes entrevistados, 15 responderam “sim” para a pergunta: “alguém te ajudou a superá-las?”, complemento à pergunta anterior sobre as principais dificuldades de integração encontradas pelos brasileiros na sociedade portuguesa. Familiares, amigos e colegas de trabalho auxiliaram os imigrantes recém-chegados, através de aconselhamento, apoio emocional, financeiro, trabalho, idioma, documentação, dentre outros.

É o caso de Mônica, 40 anos, casada, imigrante brasileira proveniente do Rio de Janeiro/RJ desde 2019, residente na AML em Palmela, que disse:

Os membros da minha família foram muito importantes para me dar apoio emocional. Quanto aos amigos do meu marido, eles foram importantes porque nos deram muitas dicas para resolver problemas cotidianos.

Nesse sentido, Massey (1988, 396) explica que as redes migratórias constituem uma cadeia de laços que unem os indivíduos que estão no processo de decidir pela migração, aqueles que já migraram e os não migrantes inseridos nos países de origem e de destino. São elos sociais vinculativos entre comunidades expulsoras e receptoras, formados previamente e que auxiliam na tomada de decisão pela migração:

As redes migratórias consistem de laços sociais que ligam comunidades expulsoras a pontos específicos de destino nas sociedades receptoras. Esses laços unem migrantes e não migrantes em uma teia complexa de papéis sociais e relações interpessoais complementares, mantidos por conjuntos informais de expectativas recíprocas e comportamentos prescritos. [...] Esses laços sociais não são criados pelo processo migratório, mas antes adaptados a ele, sendo reforçados, ao longo do tempo, através da experiência comum dos migrantes (Massey *et al.* 1998, 139).

Kelly *et al.* (1995, 219) afirma tratarem-se de relações entre familiares, amigos, conterrâneos que mantêm com o potencial migrante relação de proximidade e contato frequente. São relações “complexas que canalizam, filtram e interpretam informações, articulando significados, alocando recursos e controlando comportamentos”.

Nesse ponto, há uma diferenciação sobre o modo como homens e mulheres se valem do apoio das redes sociais no movimento migratório. Como exposto, no fluxo migratório contemporâneo, o empoderamento feminino faz com que muitas emigrem sozinhas ou como as primeiras da família a deixarem o país de origem. Nesses casos, a teoria *push-pull* de atração e repulsão, onde a falta de oportunidades nos países menos desenvolvidos leva os indivíduos a buscarem por melhores condições de vida em nações mais prósperas não deve ser vista como o único fator da nova onda migratória. Atualmente, as redes sociais assumem papel preponderante, sobretudo nas migrações transnacionais, e constituem elos que vinculam os brasileiros “aqui e lá” e auxiliam os e/imigrantes nos primeiros momentos da saída do país de origem e chegada nos países de destino. Sobre o importante apoio conferido pelas redes sociais, as mulheres tendem a se valerem da ajuda recebida por familiares no movimento migratório, enquanto os homens se apoiam muito mais no apoio dado por amigos (Assis 2007, Tilly 1990).

Com relação à remuneração mensal, 9 entrevistados recebem mensalmente até 1000 euros, 5 recebem mais de 1000 euros e 5 recebem mais de 2000 euros mensais. O maior rendimento foi de 7 mil euros e o menor de 300 euros.

A maioria dos imigrantes brasileiros entrevistados (16) nunca estiveram em situação irregular em Portugal. Dos participantes, três entraram no país e não obtiveram, de imediato, a documentação necessária para residência fixa. Em dois casos, a situação foi resolvida em razão de contrato de trabalho. O terceiro caso foi solucionado por meio da legalização extraordinária, após um ano sem título de residência.

Impactos da pandemia de Covid-19 sobre os entrevistados

Quando questionados sobre os impactos da pandemia em suas vidas – objeto do presente artigo – os entrevistados deram respostas variadas. Contudo, 18 participantes relataram que a pandemia trouxe efeitos negativos às suas vidas, em maior ou menor medida.

Tratando-se dos impactos da pandemia, propriamente ditos, as áreas mais afetadas relatadas pelos entrevistados foram a emocional e a financeira, seja pelas restrições da liberdade de ir e vir, a partir do fechamento das fronteiras e das medidas impostas de isolamento e distanciamento social para não disseminação

do vírus, seja pela redução da jornada de trabalho, suspensão temporária do contrato de trabalho, dificuldades para encontrar emprego ou perda do mesmo.

Acerca dos aspectos emocionais ocasionados pela pandemia de Covid-19, os entrevistados relataram o sofrimento psíquico resultante da solidão e da saudade, de não poderem sair de casa, realizar viagens, passeios locais, conhecer novas pessoas para adaptação e interação social. Houve quem ficou estressado por precisar trabalhar além do habitual e quem teve dificuldade de encontrar trabalho ou precisou desacelerar a busca. Até mesmo a alta do euro foi citada como impacto negativo sentido pelos entrevistados. Os reflexos da pandemia, nesse aspecto, afetaram não apenas o indivíduo, mas refletiram sobre todo o núcleo familiar:

Sofri muito por não poder sair. Eu realmente gosto de visitar locais turísticos e museus, mas tive que parar devido à pandemia (Cristian, 29 anos, casado, imigrante brasileiro proveniente de Belford Roxo/RJ desde 2019, residente na AML em Odivelas).

Trabalho em casa desde março do ano passado. Isso teve consequências negativas e positivas para mim. Pelo fato de não podermos sair de casa e para todo o resto, essa pandemia na família tem nos impactado muito no aspecto emocional (Jonathas, 40 anos, casado, imigrante brasileiro proveniente de Brasília/DF desde 2019, residente na AML em Lisboa).

Em primeiro lugar, o emocional sofreu bastante. A dificuldade de conseguir encontrar um emprego. Eu acho que demorou muito. Também fiquei bastante tempo longe da minha esposa e filha (Marcus, 33 anos, casado, imigrante brasileiro proveniente de São Paulo/SP desde 2019, residente na AML em Lisboa).

Ficar dentro de casa é ruim demais. Limitou muito. Fiquei muito tempo sem sair, sem interagir. Meu emprego se manteve graças a Deus (Pedro, 32 anos, divorciado, imigrante brasileira proveniente de Luziânia/GO desde 2019, residente na AML em Oeiras).

Oltramari *et al.* (2022), ao analisar a influência da Covid-19 na vivência da imigração e nas relações de trabalho das brasileiras em Portugal, explica que a pandemia trouxe mudanças e desafios pessoais e familiares para elas, como a perda do emprego, dificuldades para encontro de novas atividades remuneradas, aumento da carga de trabalho, para aquelas que passaram a exercer suas atividades em *home office*, e a dificuldade de permanecerem no país, sendo preciso receber o apoio financeiro e emocional de familiares. A crise sanitária, igualmente, afetou a vida pessoal e familiar das imigrantes brasileiras, pela restrição na mobilidade e dificuldades nos atendimentos médicos. Foi um momento de reflexão sobre a vida fora do país de origem. A solidão, que já é uma constante

para aquelas que migram sozinhas, restou-se acentuada no contexto da pandemia, todavia as redes e os capitais sociais foram importantes ferramentas de apoio e afeto durante os momentos difíceis. Nesse sentido, vejam-se os relatos das entrevistadas:

Primeiro, a falta de liberdade foi muito difícil para mim; embora eu seja uma pessoa que passa muito tempo em casa, tenho sofrido muito por não ter a liberdade de escolher se e quando sair. Além disso, devido a essa pandemia, tive que trabalhar muito mais do que o normal e isso me estressou muito (Sara, 36 anos, solteira, imigrante brasileira proveniente de Brasília/DF desde 2018, residente na AML em Lisboa).

Eu já conhecia muito pouca gente aqui e com o fato de não poder sair de casa, eu quase pirei. Ele também desacelerou minha procura de trabalho (Emanuela, 28 anos, casada, imigrante brasileira proveniente de São Roque/SP desde 2019, residente na AML em Setúbal).

Limitou muito a minha liberdade. Felizmente, isso não afetou meu trabalho nem o de meu marido (Samantha, 36 anos, casada, imigrante brasileira proveniente de Contagem/MG desde 2018, residente na AML em Montijo).

O primeiro *lockdown* não foi ruim pra mim. [...]. Essa segunda fase está mais difícil [...]. Eu faço muitas videoconferências com as minhas amigas do Brasil porque eu me sinto muito sozinha mesmo e comecei a repensar essa história de ser imigrante. Com relação ao trabalho, as coisas ainda estão mantidas, mas pode mudar no final do ano que vem. E, também, tem o custo do euro que subiu muito e eu mando um pouco de dinheiro do Brasil. Ficou mais apertado financeiramente (Lucia, 38 anos, solteira, imigrante brasileira proveniente do Rio de Janeiro/RJ desde 2017, residente na AML em Lisboa).

Ramos (2021) assevera que a Covid-19 teve um impacto significativo na vida das pessoas em todo o mundo. As medidas de proteção e distanciamento social impostas para conter a disseminação do vírus mudaram a forma como as pessoas trabalham, estudam e se relacionam. Essas mudanças afetaram, sobretudo, os grupos mais vulneráveis, como os imigrantes e as minorias, e trouxeram desafios em diversos setores, como a saúde pública, o bem-estar geral e a saúde mental. O isolamento social e familiar intensificou as tarefas administrativas e sobrecarregou os cuidados familiares, aumentando o *stress* e a ansiedade nas pessoas. Esses problemas não são exclusivos da pandemia, mas a crise sanitária os agravou. Necessário, portanto, que as autoridades públicas e as organizações unam esforços para garantir que as medidas de proteção e distanciamento social sejam aplicadas de forma justa e equitativa, levando em

conta as necessidades específicas dos grupos mais fragilizados. Imprescindível, também, garantir suporte psicológico e social adequados aos que têm encontrado maiores dificuldades em lidar com os efeitos da pandemia.

Mudanças na dinâmica familiar também foram experimentadas pelos imigrantes brasileiros entrevistados, principalmente com a suspensão das aulas escolares dos filhos. Sandra, 30 anos, casada, imigrante brasileira proveniente de Londrina/PR desde 2012, residente na AML em Loures, expôs que, com as escolas fechadas, os filhos foram deixados aos cuidados de uma babá. Além disso, medidas que antes não consistiam em um hábito, como o uso de máscaras e de álcool em gel, tiveram de ser aprendidas e estimuladas. Embora não tenha ficado desempregada, em virtude da pandemia, o esposo perdeu o trabalho e precisou recorrer ao governo para receber o fundo de desemprego:

Aqui em Portugal fechou tudo. Os negócios pararam, os trabalhos pararam. Apesar de que, o meu trabalho não parou. Como eu faço embalagens tipo *Tupperware* é considerado um trabalho essencial e não parou. Muitos trabalhos foram para o fundo de desemprego. O meu marido no caso foi para o fundo de desemprego. Isso é muito mal. Tive que ensinar os meus filhos as medidas de proteção. Usar máscara, álcool em gel. Apesar de que, eles são muito pequenos. Não saímos. Então tenho que explicar para eles o porquê. A escola também ficou um período fechado. A fase que fechou a escola foi complicada deixamos os nossos filhos com uma babá.

A descrição da entrevistada Sandra sobre as dificuldades vivenciadas pela família pelo fechamento das escolas reflete a realidade de muitos, mundo afora, sobre os efeitos negativos da pandemia não apenas na dinâmica familiar, mas, sobretudo, nos riscos que as medidas de distanciamento social trouxeram à saúde mental das crianças e adolescentes. Estudo realizado com 183 pais norte-americanos identificou que crianças e adolescentes em condições de isolamento social provocado pela pandemia apresentaram índices elevados de ansiedade e sintomas depressivos. No período de confinamento, houve maior percepção de *stress* familiar e risco aumentado de abuso infantil. Vislumbrou-se, também, agentes estressores infantis ocasionados pelo tédio, ausência de contato pessoal com os colegas e professores, espaço físico reduzido, diminuição do gasto energético e administração de novos sentimentos, como a autopercepção de sua nova realidade, associada às dificuldades e preocupações financeiras e laborais demonstradas pelos pais, propiciadas pelo *lockdown* (Fonseca *et al.* 2020, 32-33).

Em complemento, a pandemia do novo coronavírus contribuiu para uma crise educacional. O ensino remoto estimulado durante o período em que as escolas se mantiveram fechadas, por ocasião da Covid-19, não possuía a mesma eficácia quanto o estudo presencial, ou mesmo aquele projetado para a Educação

à Distância (EaD). O ensino remoto foi adotado em um contexto de emergência para satisfação de uma necessidade imediata. A situação provocada pela pandemia não possibilitou aos gestores e educadores os preparativos necessários para alcance dos objetivos propostos na educação de crianças e adolescentes, ou mesmo de jovens e adultos, durante a situação excepcional de crise sanitária. Assim como na EaD, o ensino remoto faz uso de recursos digitais para a transmissão das aulas, contudo, em situação emergencial, o que se conseguiu realizar, rapidamente, foi a transmissão para o ambiente virtual daquilo que foi planejado para aplicação na sala de aula, diferentemente do que ocorre na educação à distância, cujo o mesmo ambiente é previamente robustecido com aulas gravadas, atividades e avaliações periódicas, material de apoio estruturado, dentre outros (Vieira & Silva 2020, 1015).

A limitação do direito de ir e vir acionou gatilhos de *stress*, ansiedade e depressão nos indivíduos, à medida que a pandemia e as regras de isolamento e distanciamento social se consolidavam. Isso porque a pandemia constitui um evento social traumático, a qual submete a pessoa a uma condição mental denominada de *stress* peritraumático, cujos efeitos psíquicos podem perdurar para além do controle da situação pandêmica (Ponti *et al.* 2020).

Um estudo realizado com participantes de 194 cidades chinesas apontou que 53,8% dos indivíduos foram afetados psicologicamente, de modo moderado ou grave, com o isolamento social decorrente da Covid-19. O confinamento, por si só, não foi a causa do gatilho de doenças mentais. A ansiedade, o *stress* e até a depressão foram despertados, também, pelos sentimentos de confusão, inconstância e incerteza sobre os desdobramentos do vírus no indivíduo e em seus familiares. O bombardeamento de informações negativas pela mídia e até mesmo a propagação de *fake news* nas redes sociais levaram muitos sujeitos a manterem-se em estado permanente de alerta, exigindo-lhes grande esforço mental, capaz de levá-los, inclusive, a experimentar crises de pânico, pelo medo de serem contaminado e virem a óbito. Houve aqueles que entraram em estado de negação, como modo de fuga da realidade e de minimizar o sofrimento mental desencadeado pela pandemia (Pereira *et al.* 2020, 16-17).

Quanto aos impactos financeiros provenientes da pandemia de Covid-19, os entrevistados responderam situações como fechamento de estabelecimento comercial próprio, redução do contrato de trabalho pelo regime de *layoff*⁵, não

⁵ Em Portugal, as empresas em situação de crise podem reduzir a jornada de trabalho ou mesmo suspender, por tempo determinado de até seis meses, o contrato de trabalho de seus funcionários, com vistas a adequarem-se à situação econômica excepcional e, ao mesmo tempo, manterem os postos de trabalho ativos. Nesse caso, o trabalhador entra em regime *layoff*, mantendo-se formalmente empregado, todavia a receber da empresa valores menores, conforme critérios estabelecidos em lei.

recebimento de pagamentos, falta de dinheiro, sendo preciso recorrer à ajuda de terceiros, e dificuldades para encontrar trabalho:

[...] Um pouco antes do Covid eu comecei a guardar um pouco de dinheiro e foi super importante. Eu fiquei 2 meses com a clínica fechada e tendo que pagar todas as despesas e salários. Meus filhos e minha mãe também são dependentes de mim. [...] (Ieda, solteira, 50 anos, imigrante brasileira proveniente de São Paulo/SP, residente na AML em Lisboa).

Financeiro e a impossibilidade de viajar. Redução de trabalho, o hotel que eu trabalho fechou. Estou recebendo *layoff* (Samira, 45 anos, casada, imigrante brasileira proveniente de Ji-Paraná/RO desde 2011, residente na AML em Seixal).

Principalmente, financeira. Tive que ficar parada 2 meses sem receber (Ana, 39 anos, solteira, imigrante brasileira proveniente do Rio de Janeiro/RJ desde 2017, residente na AML em Lisboa).

Dificuldade financeira principalmente. Tivemos que morar de favor e fiquei completamente sem grana (Luciano, 21 anos, casado, imigrante brasileiro proveniente de Teresópolis/RJ desde 2020, residente na AML em Oeiras).

Não consegui trabalho de imediato como imaginava. Demorei uns 5 meses. Nos mudamos pra cá bem no começo da pandemia. Nos colocamos em confinamento por cautela. Depois, veio o *lockdown*. Era tudo muito surpreendente. Senti muito a nível emocional (Mara, 38 anos, casada, imigrante brasileira proveniente de São Paulo/SP desde 2016, residente na AML em Lisboa).

A pandemia também afetou a vida pessoal dos migrantes brasileiros. Mário, 24 anos, solteiro, imigrante de Bauru/SP desde 2020, residente em Lisboa, por exemplo, precisou cancelar os planos de se casar ainda em 2020, em razão das limitações impostas pela Covid-19. Além disso, o entrevistado sofreu com o desemprego e a perdas de relacionamentos contratuais. Para se adaptar, se sujeitou a meios alternativos. Em suas palavras: “Tive que me sujeitar trabalhar com outros meios pelos quais eu não estudei e não me esforcei para que acontecessem tipo motorista de aplicativo. Tiver que ficar longe dos meus amigos do Brasil”. No Brasil, Mário trabalhava como piloto de avião.

A pandemia de Covid-19 ocasionou uma crise humanitária e de saúde, onde os imigrantes são os mais prejudicados. Muitos continuaram a viver ou a trabalhar em ambientes com condições precárias, onde o coronavírus se espalha com maior facilidade. Aqueles que são infectados, mas estão no país sem a documentação regular exigida, têm o acesso à saúde, assistência social e demais serviços básicos comprometidos (Beltramelli Neto & Menacho 2020, 54).

Pereira e Esteves (2017, 139), constroem um perfil relevante a respeito dos imigrantes brasileiros no país. Para os autores, os imigrantes partem de uma situação de maior fragilidade e marginalização. Por esta razão, podem ser mais afetados por crises econômicas do que os nativos:

[...] a maior concentração dos imigrantes em sectores mais vulneráveis a alterações cíclicas, como a construção ou a hotelaria; contratos de trabalho mais precários marcados por trabalhos temporários e a tempo parcial; um nível de qualificação menor e com menor capacidade de conversão para adaptação a outros sectores de atividade; menor conhecimento da língua do país de destino e maior vulnerabilidade a discriminação por parte dos empregadores e também a mudanças de política com impacto na situação das pessoas imigradas, assim como o estatuto legal dos migrantes no país.

Salienta-se que, quando da chegada da Covid-19, Portugal passava por um processo de fragilidade econômica, tendo a pandemia obrigado as empresas a reverem suas posturas e adotarem novos hábitos para reestruturação e, ao mesmo tempo, enfrentamento dos desafios ocasionados pela mesma. Portugal está entre os países que mais se valeram do regime de *layoff*, para manterem os seus trabalhadores empregados, mas tal medida gerou despesas acentuadas para as empresas. Por outro lado, a receita empresarial diminuiu, consideravelmente, durante a paralisação das produções e fechamento dos comércios de itens considerados não essenciais, situações que levaram à contração econômica do país. De certo, a Covid-19 impactou a economia global, todavia sentiram mais os seus reflexos os países que já enfrentavam desafios nesse setor, bem como aqueles onde a propagação do vírus foi mais proeminente (Basílio 2022, 35).

A pandemia agravou as desigualdades objetivas e subjetivas dos trabalhadores, especialmente aqueles que não possuem vínculo permanente ou direto com as empresas, como os trabalhadores temporários, os informais, os prestadores de serviços, os *uberizados*, os *freelancers*, empreendedores etc. O regime de *layoff* e o isolamento social contribuíram à perda de trabalhos, não renovação contratual ou redução de jornadas laborais, situações que refletiram, diretamente, nos ganhos mensais do trabalhador (Marques 2020, 33).

Teles (2020) assevera que a crise econômica resultante da pandemia de Covid-19 afetou a renda dos migrantes brasileiros em Portugal, especialmente daqueles que dependem dos próprios recursos ou do apoio financeiro de familiares para iniciar ou manter a migração, como estudantes, aposentados e investidores. Para a autora, a diferença cambial entre o Real e o Euro torna-se um dificultador adicional para este grupo, em particular. O estudo realizado pela autora demonstrou que, apesar dos impactos econômicos propiciados pela pandemia, os motivos que levaram à migração de brasileiros para Portugal não se

modificaram e a maioria deseja permanecer no país, independentemente das dificuldades financeiras enfrentadas com a crise sanitária.

Para Borba e D'Ângelo (2020), a pandemia agravou a vulnerabilidade dos imigrantes em Portugal, especialmente aqueles que ainda não possuem documentação regular para residência no país ou que estão inseridos em postos de trabalhos precários. Além do risco de contágio pelo coronavírus ser acentuado para os imigrantes que trabalham com o público em geral, muitos deles enfrentam o medo de perderem seus empregos e não terem condições de sustentarem suas moradias e familiares e, com isso, serem deportados. A interrupção de programas de acolhimento de refugiados e processos de asilo durante a pandemia tornou a situação ainda mais crítica e muitos imigrantes brasileiros têm buscado informações para retornar ao país de origem. Os que buscaram informações nesse sentido, relataram dificuldades econômicas provenientes da pandemia de Covid-19, como a perda da fonte de renda, pelo fechamento dos estabelecimentos comerciais, locais onde esse grupo, geralmente, trabalha.

Por fim, apenas um dos entrevistados não relatou pontos negativos relacionados ao período da pandemia. Silvia, 26 anos, casada, imigrante brasileira proveniente de Brasília/DF, desde 2018, residente na AML em Sintra, respondeu: "Paradoxalmente, 2020 foi um ano muito bom para mim. Eu fiz muitos cursos *online* e isso melhorou meus conhecimentos e habilidades. Atendi mais pacientes". Pode-se atribuir referida percepção positiva da pandemia à profissão exercida pela inquirida. Silvia é psicóloga. Como se viu, o isolamento social atingiu o emocional de muitos, tendo os efeitos sobre a saúde mental dos indivíduos se tornado, inclusive, questão de saúde pública. Como resultado, muitos recorreram ao apoio de especialistas em saúde mental em busca da reversão ou minimização dos danos padecidos.

Considerações finais

Restou-se evidente, pelo estudo, que a pandemia gera impactos nos processos migratórios. Conforme apresentado, no passado, os imigrantes foram responsabilizados por eventos pandêmicos, situação que gera reflexos na atualidade. Não é por outra razão que existe um sentimento de suspeita contra os imigrantes, o que pode ser observado nas políticas de fechamento das fronteiras e defesa dos nacionais.

Sobre o fechamento das fronteiras, especificamente, esse parece ser um dos principais fatores para a compreensão da migração em tempos de pandemia. Muitos países fecharam completamente suas fronteiras, por acesso terrestre, aéreo e marítimo, em razão do avanço da pandemia pelo mundo. No entanto, a realidade é que, para muitos imigrantes, as fronteiras encontravam-se fechadas muito antes

da crise sanitária provocada pela Covid-19. A pandemia apenas evidenciou um cenário de exclusão dos imigrantes, aflorando as mazelas desse grupo populacional.

Pode-se dizer, a partir da investigação teórica, que a pandemia influencia na tomada de decisão do indivíduo pelo movimento migratório. A autoridade política de um país, seja o de origem ou o de destino, em suas manifestações públicas, contribui à decisão do migrante em potencial. Nesse aspecto, como se viu, outro importante elemento entra em cena: as redes sociais ou cadeias migratórias. As informações prestadas por familiares, amigos e conhecidos do indivíduo, que também vivenciaram o processo de migração, contribuem, de forma efetiva, na tomada de decisão individual pela saída do país de origem em busca de novas oportunidade em outra nação.

Notou-se, também, a escolha dos brasileiros por Portugal como país-destino. Durante a pandemia de Covid-19, mais de 71 mil brasileiros entraram no país e fixaram residência, todavia os efeitos negativos da mesma já são experimentados por esta parcela da população, sobretudo no que se refere ao desemprego. No *ranking* das dez nacionalidades com o maior número de imigrantes desempregados no país, o Brasil ocupa a primeira posição, tendo sido contabilizado, em 2020, 15.430 brasileiros desempregados, 148,5% a mais do registro do ano anterior de 6.209.

No que atine à AML, 47% dos imigrantes brasileiros de Portugal residiam na região, em 2020. Mesmo com a crise enfrentada pelo país na economia, a refletir no mercado de trabalho, a AML se manteve em crescimento econômico. A região foi responsável por 36% do PIB de Portugal, em 2020.

Mesmo tendo a AML apresentado sinais de prosperidade econômica durante a Covid-19, a análise dos resultados das entrevistas permitiu verificar que os impactos da pandemia alcançaram 95% dos inquiridos, em maior ou menor medida, sendo os setores pessoais mais afetados o emocional e o financeiro.

Sobre os impactos de ordem emocional, viu-se que 48% dos entrevistados relataram danos emocionais com o confinamento e a impossibilidade de realizar viagens, passeios e interação social. O estudo esboçou, nesse aspecto, que o isolamento social, acompanhado do bombardeio de informações sobre a disseminação e controle do vírus, muitas delas imprecisas ou inverídicas, os relatos frequentes das mortes, as decisões dos dirigentes para enfrentamento da situação, dentre outros, atuam como gatilhos para crises de ansiedade, *stress* e depressão, acionados pelo medo e pelo estado de alerta permanente. Pontua-se que os efeitos, nesse sentido, sobrepõem-se ao indivíduo e alcança todo o seu núcleo familiar e podem prolongar-se no tempo, mesmo após o efetivo controle da pandemia.

Acerca dos impactos financeiros ocasionados pela pandemia de Covid-19, 26% dos entrevistados relataram redução salarial durante o período, seja pelo desemprego, seja pela redução da jornada de trabalho, pelo regime de *layoff* adotado pelas empresas, seja pela impossibilidade de realizar trabalhos paralelos. Nesse contexto, os efeitos da pandemia atingiram, em maior escala, aqueles que não possuem vínculo empregatício, como os trabalhadores temporários, os informais, os prestadores de serviços etc., acentuando as desigualdades objetivas e subjetivas dos trabalhadores já existentes.

Por fim, pode-se afirmar que, apesar dos avanços atuais no combate a situação de saúde pública global, o percurso até a normalidade – ou o mais próximo possível de uma normalidade – será longo. Espera-se que os imigrantes continuem apresentando dificuldades, especialmente no que se refere ao trabalho e relações sociais. Ao mesmo tempo, com a reabertura das fronteiras, a tendência é de elevação do número de imigrantes na AML, o que poderá agravar ainda mais o cenário imposto pela pandemia de Covid-19. O diagnóstico preciso, no entanto, dependerá dos dados concretos obtidos em um futuro próximo.

Bibliografia

- Alvarenga, Darlan, Luiz Guilherme Gerbelli e Raphael Martins. 2020. “Como a pandemia ‘bagunçou’ a economia brasileira em 2020”. *G1*, 12 de dezembro 2020. <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/12/12/como-a-pandemia-bagunçou-a-economia-brasileira-em-2020.ghtml>.
- Assis, Glaucia de Oliveira. 2011. “Entre dois lugares: as experiências afetivas de mulheres imigrantes brasileiras nos Estados Unidos”. In *Gênero, sexo, amor e dinheiro: Mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Unicamp/Pagu: 321-362.
- Assis, Glaucia de Oliveira. 2007. “Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional”. *Estudos Feministas* 15(3): 336.
- Assis, Glaucia de Oliveira e Sueli Siqueira. 2021. “Entre o Brasil e a Europa: brasileiras negociando gênero e raça nas representações sobre ‘a mulher brasileira’”. *Cadernos Pagu* (63): 1-22.
- Baeninger, Rosana, Luís Renato Vedovato e Nandy Shailen, coords. 2020. *Migrações internacionais e a pandemia de Covid-19*. Campinas: Nepo/Unicamp.
- Basílio, Ana Teresa Machado. 2022. *O impacto das crises de saúde na economia portuguesa e no mercado de trabalho: Informação relevante durante o período de crise no tecido empresarial português*. Diss. de doutorado, Universidade Nova de Lisboa.

- Beltramelli Neto, Silvio e Bianca Braga Menacho. 2020. "Covid-19 e a vulnerabilidade socioeconômica de migrantes e refugiados à luz dos dados das organizações internacionais". In *Migrações internacionais e a pandemia de Covid-19*, coordenado por Rosana Baeninger, Luís Renato Vedovato e Nandy Shailen, 49-61. Campinas: Nepo/Unicamp.
- Borba, Camila e Isabele D'Ângelo. 2020. "Ainda mais vulneráveis". *Revista Espaço Acadêmico* 20 (222): 258-269.
- Chiaretti, Daniel; Natália Luchini e Laura Bastos Carvalho. 2020. "Mobilidade humana internacional em tempos de pandemia: Reflexos da Covid-19 nos direitos dos migrantes e refugiados". *Revista da Seção Judiciária do Rio de Janeiro* 24(48): 59-90.
- Di Spirito, Onofrio. 2021. "Migração brasileira para a área metropolitana de Lisboa nos últimos dez anos". *Caderno Eletrônico de Ciências Sociais* 9(1): 68-91.
- Figueira, Rickson Rios e Julia Petek de Figueiredo. 2020. "A pandemia de Covid-19 e seus impactos sobre a operação acolhida e a gestão da imigração venezuelana em Roraima". In *Migrações internacionais e a pandemia de Covid-19*, coordenado por Rosana Baeninger, Luís Renato Vedovato e Nandy Shailen, 381-390. Campinas: Nepo/Unicamp.
- Fonseca, Rochele Paz, Giovana Coghetto Sganzerla e Larissa Valency Enéas. 2020. "Fechamento das escolas na pandemia de COVID-19: Impacto socioemocional, cognitivo e de aprendizagem". *Revista Debates em Psiquiatria* (outubro a dezembro): 28-37.
- Freitas, Gabriele Carvalho de, Luiz Alves Araújo Neto e Cristiane D'ávila. 2021. "Fome no Brasil: a incerteza da comida na mesa em um país assolado pela Covid-19". *Fiocruz*, 5 de maio 2021. <https://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1953-fome-no-brasil-a-incerteza-da-comida-na-mesa-em-um-pais-assolado-pela-Covid-19.html>.
- Kelly, M. Fernandez. *et al.* 1995. *Social and cultural capital in the urban ghetto. The Economic Sociology of Immigration: Essays on Networks, Ethnicity and Entrepreneurship*. New York: Russell Sage Foundation.
- Kozinets, Robert V. 2014. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso.
- Marques, Ana Paula. 2020. "Crise e trabalho: interrogações em tempos de pandemia". *Sociedade e crise(s)*: 31-37.
- Massey, D. S. 1988. "Economic development and international migration in comparative perspective". *Population and Development Review* (14): 383-413.
- Massey, D. S., *et al.* 1998. *Worlds in Motion: Understanding International Migration at the End of the Millennium*. Oxford: Clarendon Press.

- Moré, Carmen. 2015. "A 'entrevista em profundidade' ou 'semiestruturada', no contexto da saúde. Dilemas epistemológicos e desafios de sua construção e aplicação". *CIAIQ2015* 3: 126-131.
- Oliveira, Catarina Reis. 2021. *Indicadores de Integração de Imigrantes: Relatório estatístico anual 2021*. Lisboa: Observatório das Migrações.
- Oltramari, Andrea, et al. 2022. "Influências da pandemia de COVID-19 na vivência da imigração e nas relações de trabalho (RT) de brasileiras em Portugal". *Laboreal* 18(2). <https://journals.openedition.org/laboreal/19913>.
- Padilla, Beatriz. 2007. "A imigrante brasileira em Portugal: Considerando o gênero na análise". In *Imigração brasileira em Portugal*, editado por J. Malheiros, 113-135. Lisboa: Observatório da imigração; Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (Acidi).
- Padilla, Beatriz. 2008. "Brasileras en Portugal: de la transformación de las diversas identidades a la exotización. América Latine Histoire et Mémoire". *Les Cahiers ALHIM* (14): 1-15.
- Peixoto, João. 2020. "O que nos ensina a pandemia sobre migrações internacionais? O caso português e o contexto mundial". In *Migrações internacionais e a pandemia de Covid-19*, coordenado por Rosana Baeninger, Luís Renato Vedovato e Nandy Shailen, 132-137. Campinas: Nepo/Unicamp.
- Pereira, Mara Dantas, et al. 2020. "A pandemia de Covid-19, o isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: Uma revisão integrativa". *Research, Society and Development* 9(7): 1-31.
- Pereira, Sónia e Alina Esteves, Alina. 2017. "Os efeitos da crise económica na situação laboral dos imigrantes: O caso dos brasileiros em Portugal". *Remhu: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana* 25: 135-152.
- Ponti, Mayra Antonelli, et al. 2020. "Efeitos da pandemia de Covid-19 no Brasil e em Portugal: estresse peritraumático". *Revista Psicologia em Pesquisa* 14(4): 239-259.
- Portugal. Instituto Nacional de Estatística. 2022. *Área Metropolitana de Lisboa em Números: In figures – 2020*. Lisboa: INE.
- Portugal. Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social. 2020. *Pessoas de nacionalidade brasileira ao serviço nos estabelecimentos, por concelho, idade e sexo. AML – 2011-2020*. Lisboa: Gabinete de Estratégia e Planeamento.
- Portugal. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. 2020. "Portal de Estatística. Estrangeiros residentes: Lisboa – 2020". *Sefstat*, 2020. <https://sefstat.sef.pt/forms/distritos.aspx>.
- Portugal. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. 2020. *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo: 2020*. Oeiras: SEF.
- Portugal. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. 2021. *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo: 2021*. Oeiras: SEF.

- Ramos, Natália. 2021. "Populações migrantes em tempos de pandemia da covid-19: desafios psicossociais, comunicacionais e de saúde". *Migrações Internacionais sob Múltiplas Perspectivas*: 153-176.
- Ribeiro, Marilda Rosado de Sá e Emília Lana de Freitas Castro. 2020. "A pandemia da Covid-19 e suas consequências para os movimentos migratórios no mundo". In *Migrações internacionais e a pandemia de Covid-19*, coordenado por Rosana Baeninger, Luís Renato Vedovato e Nandy Shailen. Campinas: Nepo/Unicamp.
- Ruseishvili, Svetlana. 2020. "Quatro lições da pandemia sobre a mobilidade no mundo contemporâneo". *Sociologia na Pandemia* 5: 160.
- Sassen, Saskia. 2015. "Não é imigração, é expulsão". *Ponto e Vírgula* (18): 171-179.
- Severino, Antônio Joaquim. 2017. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez editora.
- Silva, Adélia Verônica da. 2019. "Leitura etnográfica dos lugares de vida de imigrantes brasileiros em Lisboa e em Los Angeles". Diss. de doutorado, Universidade de Lisboa. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/41454/1/ulsd733790_td_Ad%c3%a9lia%20_Silva.pdf.
- Sperandio, Ana Maria Girotti, Bárbara Bonetto e Pamela Shue Lang Lin. 2020. "Mobilidade humana e promoção da saúde no contexto da pandemia". In *Migrações internacionais e a pandemia de Covid-19*, coordenado por Rosana Baeninger, Luís Renato Vedovato e Nandy Shailen, 189-203. Campinas: Nepo/Unicamp.
- Teles, Gabriela Oliveira. 2020. "Impactos da pandemia por Covid-19 nos migrantes brasileiros em Portugal". Diss. de mestrado, Universidade de Lisboa. <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/20986/1/DM-GOT-2020.pdf>.
- Tilly, Charles. 1990. "Transplanted Networks." In *Immigration Reconsidered*, editado por Virginia Yans-Mclaughlin, 79-95, New York: Oxford University Press.
- Tonhati, Tania Mara Passarelli e Marília de Macêdo. 2021. "Os impactos da pandemia de Covid-19 para as mulheres imigrantes no Brasil: Mobilidade e mercado de trabalho". *Sociedade e Estado* 36: 891-914.
- Truzzi, Oswaldo. 2008. "Redes em processos migratórios". *Tempo social* 20: 199-218.
- Vieira, Márcia de Freitas e Carlos Manuel Seco da Silva. 2020. "A educação no contexto da pandemia de Covid-19: Uma revisão sistemática de literatura". *Revista Brasileira de Informática na Educação* 28: 1013-1031.

Onofrio di Spirito

Doutorando em estudos migratórios na Universidade de Granada (Espanha). Seus estudos se concentram na complexidade dos fenômenos migratórios e nas dificuldades de vida enfrentadas pelos migrantes, com particular referência aos fluxos migratórios que afetaram o Brasil desde o período da unificação da Itália até nossos dias.

Contato: onofrio.dispirito@hotmail.it

Recebido: 14/03/2022

Aceito: 19/03/2023